



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA PÓLO ÁCARA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

NAIANI OLIVEIRA DA VERA CRUZ

MULHERES NEGRAS: MEMÓRIAS E PROCESSOS EDUCATIVOS

ACARÁ-PA
2026

NAIANI OLIVEIRA DA VERA CRUZ

MULHERES NEGRAS: MEMÓRIAS E PROCESSOS EDUCATIVOS

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais, do Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Dra. Eliana de Campos Pojo Toutonge.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

- V473m Vera Cruz, Naiani Oliveira da.
Mulheres negras: Memórias e processos educativos /
Naiani Oliveira da Vera Cruz. — 2026.
VIII, 41 f.
- Orientador(a): Prof^a. Dra. Eliana de Campos Pojo
Toutonge
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal
do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Pedagogia, Abaetetuba, 2026.
1. Mulheres Negras. 2. Identidade. 3. Racismo. I.
Título.

CDD 376

NAIANI OLIVEIRA DA VERA CRUZ

MULHERES NEGRAS: MEMÓRIAS E PROCESSOS EDUCATIVOS

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais, do Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Dra. Eliana de Campos Pojo Toutonge.

Data de aprovação: ___/___/___

Conceito:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge - Orientadora (FAECS-UFPA)

Profa. Dra. Lina Gláucia Dantas Elias
Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo - FADECAM - UFPA

Profa. Msc. Michelly Conceição Cardoso (UFPA)

A Deus que me sustentou e concedeu a graça de realizar este sonho. Dedico aos meus pais, Marinalda Nunes Oliveira e Davi Lopes da Vera Cruz, e ao meu Avô materno Bento dos Santos Oliveira (in memória), que mesmo sem terem concluído seus estudos, ensinaram-me o poder da educação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, que me concedeu forças e me guiou durante toda esta caminhada, pois sem Ele nada disso seria possível.

À minha mãe, Marinalda, mulher guerreira e batalhadora, meu maior exemplo de força e coragem, que em todos os momentos de minha vida me apoiou e me incentivou a não desistir dos meus objetivos, expresse minha profunda gratidão. Agradeço por sempre acreditar em mim, inclusive quando eu mesma não acreditei. Mãe, você é minha maior inspiração.

Ao meu pai, Davi, agradeço pelo incentivo e pela dedicação, por sempre trabalhar incansavelmente para oferecer o melhor a mim e às minhas irmãs dentro de suas possibilidades e por, à sua maneira, apoiar este sonho.

Às minhas irmãs, agradeço por todo o incentivo, em especial à minha irmã Erica, que esteve ao meu lado durante toda esta trajetória, apoiando-me e acreditando neste sonho juntamente comigo.

À minha família, que foi extremamente importante nesta caminhada acadêmica e de vida, registro minha gratidão por sonharem este sonho comigo.

Ao André, agradeço pelo incentivo e pelas palavras de apoio nos momentos mais difíceis, bem como por sempre acreditar em mim e apoiar este sonho e minha capacidade de realizá-lo.

À minha orientadora, Professora Eliana Pojo, expresse meus sinceros agradecimentos por ter acreditado em mim e apoiado a escolha da temática do estudo, pela dedicação, disponibilidade e pelo acompanhamento durante toda esta caminhada acadêmica, contribuindo significativamente para meu crescimento acadêmico e pessoal.

Por fim, a todos que, de alguma forma, contribuíram para que este sonho se tornasse realidade, deixo meus sinceros agradecimentos. Que Deus retribua em dobro tudo o que fizeram por mim nesta trajetória, para que possamos continuar seguindo nossa caminhada com amor, fé e coragem.

RESUMO

Este estudo trata de Mulheres Negras na perspectiva de suas memórias e processos educativos, com objetivo de compreender as resistências, desafios e conquistas de três mulheres paraenses, vinculadas à comunidade rural Família Unida, município de Irituia-PA. Como questão norteadora: Quais resistências e conquistas compuseram o processo educativo de mulheres negras e estão presentes em suas memórias de vida e a escolar? Pesquisa de abordagem qualitativa, com estudo bibliográfico baseado em Hall (2006), (2009), no debate da identidade, com Gomes (2012), em suas considerações acerca do ser negro e a construção da identidade negra, com Moreira (2023) e Silva & Nascimento (2016) na dimensão da mulher negra. Ainda, foi útil a perspectiva das narrativas como escutas, lembranças e biografias, nos permitindo compreender parte das experiências vividas por três mulheres negras como elementos centrais para a discussão do trabalho. Como resultado, as narrativas das mulheres negras, abordando aspectos educativos e raciais, revelaram que mesmo que estes processos tenham ocorrido em períodos diferentes, suas histórias de vida assim como suas trajetórias escolares que elas passaram por racismo e que a escola ainda hoje, é um lugar onde a mulher negra sofre preconceito, principalmente relacionados ao corpo.

Palavras-chave: Mulheres Negras; Identidade; Racismo.

ABSTRACT

This study addresses Black women from the perspective of their memories and educational processes, with the objective of understanding the resistances, challenges, and achievements of three women from Pará who are connected to the rural community Família Unida, in the municipality of Irituia, Pará, Brazil. The guiding research question is: what resistances and achievements shaped the educational processes of Black women and are present in their life and school memories? This research adopts a qualitative approach, with a bibliographic study based on Hall (2006; 2009) in the debate on identity; Gomes (2012) in her considerations about being Black and the construction of Black identity; and Moreira (2023) and Silva & Nascimento (2016) regarding the dimension of Black women. In addition, the perspective of narratives as listening, memories, and biographies was used, allowing us to understand part of the experiences lived by three Black women as central elements for the discussion of this study. As a result, the narratives of these women, addressing educational and racial aspects, revealed that even though these processes occurred in different periods, their life stories and school trajectories show experiences of racism. They also indicate that the school is still a place where Black women experience prejudice, especially related to their bodies.

Keywords: Black Women; Identity; Racism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 MULHERES NEGRAS E SUAS IDENTIDADES	13
3 MULHERES NEGRAS, MEMÓRIAS E EDUCAÇÃO.....	19
3.1 Meu percurso de Negra na Vida	20
3.2 Escurecendo Minha Identidade.....	25
3.3 Precisamos Ser fortes	33
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
ANEXOS.....	
Roteiro de Entrevista.....	42
Termos da Pesquisa	43

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tratando de **Mulheres Negras: Memórias e processos educativos**, originou-se das memórias de Mulher Negra da própria autora, associada a momentos atuais da vida enfrentados e barreiras impostas pelo racismo estrutural, que evidenciam desigualdade social e de gênero. Assim, visando a produção de Trabalho de Curso o presente estudo objetivou compreender resistências, desafios e conquistas vivenciadas por Mulheres Negras em seus processos educativos presente em suas memórias de vida e escolares.

Foram barreiras do racismo e preconceito sofridos no ambiente escolar, da evasão escolar ocasionada por condições financeiras, com a estigmatização devido a cor de pele, cabelos e demais traços fenóticos que impactaram a autoestima, e conseqüentemente, desencadeou processos de inferioridade e de não pertencimento a determinados lugares, como do curso superior. Contudo, as narrativas revelam que esses processos de exclusão enfrentam resistências, acesso a referências e intelectuais negra como afirma Moreira (2023, p. 47, a “[...] mulher negra é uma espécie de camaleão, ou seja, pode ser forte, mas também pode ser sensível. [...] mesmo tendo suas identidades formadas socialmente, essas mulheres têm buscado novas formas de ser, estar e serem vistas no mundo”.

Assim, a pesquisa voltada para este tema é uma forma de dar visibilidade à educação e o valor de mulheres negras, que, por um longo período, foram silenciadas em diversos âmbitos de suas vidas. Nesse viés, visibilizar processos e trajetórias marcadas pelo racismo estrutural, pela desigualdade social e de gênero é uma questão também de cidadania. Ainda, propiciar espaço de fala a estas mulheres para que narrem suas experiências positivas favoreceu o aprofundamento do tema a nível pedagógico e a reflexão porque também é uma questão presente na sociedade, de modo geral.

Com isso, esta pesquisa esteve voltada para os percursos de vida tangenciando os aspectos assinalados e que contempla o próprio percurso formativo de mulher da autora, em memórias e experiências, desafios e conquistas, mas que também, reverbera ou tem eco nas histórias de outras mulheres negras que assim como eu, enfrentaram/enfrentam tais situações durante o processo educativo e profissional, isto é, durante sua formação na vida e na escola.

São memórias que dizem respeito às experiências vividas ao longo de suas trajetórias pessoais, familiares, escolares, sociais e profissionais, marcadas por relações diversas e de diferentes dimensões como a de raça. São lembranças de situações de enfrentamento ao racismo, mas também de resistência, afetos, aprendizados, conquistas, superação. São memórias carregadas de saberes e de compreensões acerca da mulher negra diante da construção de uma identidade, e como elas se percebem na sociedade.

A fala e a memória são elementos importantes para existência e reexistência das mulheres negras, principalmente por conta de uma historiografia que, por séculos, invisibilizou e inferiorizou as mesmas e estigmatizou-as como sem história, sem memória, sem voz (Santos, 2023, p. 18).

Com isso, visibilizar o processo educativo de mulheres negras, através de suas próprias narrativas de vida e experiências escolares, foi uma maneira de mostrar como o racismo estrutural, a desigualdade de gênero e social está vigente e presente na vida de muitas mulheres (e negras), tanto na vida quanto na escola. E mesmo após conquistas que asseguram o direito à educação, ainda existem muitas barreiras que dificultam o acesso e a permanência dessas mulheres na educação, pois esses atravessamentos ocorrem no interior das escolas.

O preconceito racial pode destacar-se sobre os diversos tipos de preconceitos sofridos pelas mulheres negras, não simplesmente somando-se aos outros, mas como um fator subjacente e estruturante das relações sociais constituídas assimetricamente devido às discriminações (Leal, 2017, p.13).

Assim, a escola enquanto instituição formadora intelectual social, não é apenas espaço de aprendizagem, mas sim um local de embates ideológicos e simbólicos, culturais e políticos, ou seja, nela ocorre embates a partir de percepções de identidade, raça, gênero e pertencimento. Neste viés, para as Mulheres Negras, a escola reproduziu o silenciamento, mas também se tornou lugar de resistência e de possibilidade de mudança de vida.

Assim, este estudo não se constitui apenas em evidenciar narrativas e memórias, mas se faz como um gesto político-pedagógico. Ao visibilizar memórias de mulheres negras, busca-se contribuir para a construção de práticas educativas mais inclusivas, antirracistas e comprometidas com a educação e valorização cultura e identidade de nós, mulheres negras.

Aspectos Metodológicos

A pesquisa na abordagem qualitativa ajuda a entender os significados, as percepções, as lembranças e as histórias das pessoas, o que conforme Chizzotti (2000, p.85) passa entre outros aspectos por ouvir “[...] narrativas, lembranças e biografias, e analisando documentos, obtém-se um volume qualitativo de dados originais e relevantes, não filtrados por conceitos operacionais, nem por índices quantitativos [...]”, e se tratando da Mulher Negra, nos permitindo uma melhor compreensão de experiências vividas por algumas delas, três paraense que moram em localidades diferentes do estado do Pará e do país. Nesse caso, pautamos nas histórias das pessoas com base em escuta de narrativas de suas trajetórias da vida e da escola, considerando as memórias.

Em termos metodológicos, o estudo abrangeu a construção de dados através do contato direto da pesquisadora com a situação estudada por meio do contato com as mulheres em suas de narrativas de vida, até porque:

Na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam. Pressupõe-se, pois, que elas têm um conhecimento prático, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção de vida e orientam as suas ações individuais. Isto não significa que a vivência diária, a experiência cotidiana e os conhecimentos práticos reflitam um conhecimento crítico que relacione esses saberes particulares com a totalidade, as experiências individuais com o contexto geral da sociedade (Chizzotti, 2000, p. 82).

Assim, destacamos a pesquisa do tipo Narrativa, que segundo Laville & Dionne (1999, p.158) afirma que a “história ou narrativa de vida, pode ser definida como a narração, por uma pessoa, de sua experiência vivida”. Com dito, este estudo voltado relatos orais e depoimentos como potentes narrativas de vida e da vida escolar, buscando identificar resistências e conquistas enfrentadas por mulheres negras durante seus percursos formativos.

A narrativa será forçosamente um amálgama de fatos de toda natureza, de julgamentos, de interpretações, que interessara tanto ao historiador apaixonado por "pequena história" para esclarecer a "grande", quanto ao homem de letras, o psicólogo e, claro, as pessoas preocupadas com os fenômenos sociológicos e culturais (Laville; Dionne 1999, p.158).

Então, a narrativa é mais do que um simples relato, pois conduz diversificadas informações do indivíduo com suas memórias, visões e interpretações de mundo, ou seja, cada narrativa é única, pois, carrega a especificidade da pessoa que está narrando o contexto investigado. Com isso, pelas narrativas busca acentuar os

percursos de vida e de processos educativos atravessados por saberes, aprendizados e leituras de mundo, que ajudam a pesquisadora a compreender o ser mulher e mulher negra nessa sociedade.

Como narrativas de memórias de vida e da vida escolar dialogamos com três mulheres negras, sendo uma delas a própria autora deste trabalho de curso. São mulheres cujas memórias de vidas acontece, em sua maioria, na comunidade Família Unida, município de Irituia-Pará, onde somente uma das entrevistadas reside, onde vale ressaltar que a autora deste trabalho de curso viveu sua infância com sua família, e mora seus pais e seus familiares.

Para captação das narrativas houve contato prévio com as mulheres por meio de conversas informais buscando apresentar e propor a participação delas na pesquisa, e que foi aceito o convite e a participação de Rosineide Jorge, Erica Vera Cruz, e autora deste trabalho de curso, Naiani Vera Cruz.

Rosineide Jorge, três filhos, pedagoga, casada e concursada como professora dos anos iniciais, atuando na Rede Municipal De Educação de Irituia. Nascida no município de Belém, mas reside na vila Família Unida, em Irituia, desde de 2006. Rosineide é de cor preta, cabelos pretos, crespos e curtos, olhos pretos, nariz largos, lábios volumosos e de estatura média.

Erica Oliveira casada, nascida e criada na Vila Família Unida, município de Irituia. Atualmente reside em Maringá-Paraná e trabalha como auxiliar administrativo. Seus traços são de cor preta, estatura média, cabelos cacheados médios, olhos pretos, nariz largos e lábios volumosos.

Naiani Vera Cruz, nasceu no município de Irituia, mas a sete anos reside no município de Ananindeua (PA), concluinte do curso de pedagogia. Uma mulher negra, estatura média, cabelos pretos, cacheado e crespo, olhos pretos, nariz pouco largos e lábios pouco volumosos.

As narrativas foram captadas por meio dos seguintes instrumentos: roda de conversa online e entrevistas presenciais e via Google Meet.

De modo sucinto a entrevista¹ é uma “série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento” (Laville; Dionne 1999, p. 188). Com as mulheres,

¹ Esta foi previamente estruturada, e abrangeu aspectos educativos e raciais envolvendo memórias e narrativas.

participantes da pesquisa, ocorreu entrevista presencial aparelhada por conversas informais e alguns momentos via Google Meet.

As conversas informais online, realizadas em um único momento, destinou-se a promover alguma interação e partilha entre essas mulheres, uma forma de agradecimento, devolutiva da pesquisa, porém, não foi possível utilizar nenhum aspecto no estudo.

A entrevista com Rosineide ocorreu em sua residência na vila e no dia 22/11/2025 e a outra, com Erica deu-se no dia 15/12/2025 via plataforma Google Meet, porque como já informado, ela reside em outro estado. As entrevistas serviram para que tivéssemos informações e dados no sentido dos processos vivenciados por elas e, posteriormente, construir uma reflexão a partir destas narrativas.

A roda de conversa aconteceu no dia 26/01/2026, por meio da plataforma Google Meet, participaram além da autora deste estudo as outras duas participantes. Durante a conversa foram levantados pontos importantes a serem discutidos e coletados com base em suas narrativas. Neste momento, foi acentuado questões como: as dificuldades durante o processo de construção da identidade, dos estudos, de trabalho, assim como foi forte o momento que apresentaram o contexto das formas do racismo sofrido em suas trajetórias de vida. Ficou evidente o quão suas vidas são transversalizadas pelo racismo e pela desigualdade de gênero.

Na roda de conversas com elas, se processou uma rica troca de saberes com base na história de vida de cada uma e o que tinham de memória do tempo social e territorial da comunidade. Em cada uma foi enfatizado suas trajetórias como mulher e negra. Deste modo, as narrativas e suas memórias foram elementos centrais para a discussão do trabalho, o qual como já dito, buscou evidenciar o processo educativo, formativo e de desafios de Mulheres Negras.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: Introdução que contempla os aspectos metodológicos, o primeiro capítulo que trata de Mulheres Negras e suas identidades, o segundo capítulo, intitulado de “Mulheres Negras, Memórias e Educação”. E as Considerações Finais.

2 CAPÍTULO I

MULHERES NEGRAS E SUAS IDENTIDADES

Neste capítulo tratamos do processo de construção identidade da Mulher Negra associado a processos educativos vividos por mulheres negras, na tentativa de compreender a forma como se estrutura sua identidade individual e coletiva na sociedade.

Em termos dos autores, são principais Hall (2006), (2009), que nos ajudaram para a compreensão do conceito de construção de identidade, Gomes (2012) em suas considerações acerca do conceito de negro e a construção da identidade negra, Moreira (2023) e Silva & Nascimento (2016) com a ideia de Mulher negra, e que identidade esta mulher assume.

Para falar da identidade de mulheres negras, consideramos pertinente iniciar pela ideia de identidade, o que segundo Gomes (2012) não é algo inato, ao contrário, trata-se do modo que a pessoa convive no mundo e com outras pessoas, sendo assim vê como sendo importante na construção das relações sociais e culturais evocadas nas práticas, comportamentos e tradições que balizam circunstâncias humanas.

Neste viés, podemos dizer que embora frisando o individual de cada ser humano, a identidade é construída e produzida também de forma coletiva em bases da interação por pessoas onde o mesmo se relaciona. Ou seja:

Nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. Tanto a identidade pessoal quanto a identidade socialmente derivada são formadas em diálogo aberto. Estas dependem de maneira vital das relações dialógicas estabelecidas com os outros. Esse é um movimento pelo qual passa todo e qualquer processo identitário e, por isso, diz respeito, também, à construção da identidade negra [...] (Gomes, 2012, p. 42).

A identidade relaciona-se a forma como cada pessoa se posiciona e se apresenta no mundo. Ela se revela no modo como cada ser humano estabelece suas relações, com base em referências culturais, sociais e pessoais que orientam sua trajetória de vida. Diz respeito a maneira como seu corpo, suas ações e comportamentos expressam valores e princípios, modos e estéticas. Assim, a identidade é formada por um conjunto de marcas, vivências e influências que moldam a condição humana e permitem compreender quem somos, como pensamos e de que modo nos reconhecemos e somos reconhecidos na sociedade (Reis; Alves & Silva, 2017).

Ainda, a identidade também se volta ao contexto histórico e sócio-político de cada grupo social em que cada pessoa pertence. Logo, evidência diversas formas, abrangentes ou específicas, de determinados grupos sociais, como exemplo as Mulheres Negras que carregam em suas identidades características que foram construídas historicamente e as coloca diante da constante reivindicação à invisibilidade que foram submetidos na história.

A reflexão sobre a construção da identidade negra não pode prescindir da discussão sobre a identidade enquanto processo mais amplo, mais complexo. Esse processo possui dimensões pessoais e sociais que não podem ser separadas, pois estão interligadas e se constroem na vida social (Gomes, 2012, p. 42).

A identidade constitui-se de um processo contínuo de interação entre uma pessoa e a sociedade, de modo complexo e associado aos aspectos internos e externos de qualquer ser humano. Com isso, embora a pessoa possua um interior, seu “eu”, este não é fixo nem imutável, pois colocar-se em constante transformação ao longo do tempo. Este processo ocorre por meio de um diálogo permanente com os contextos sociais e culturais nos quais os seres humanos estão inseridos, bem como há diferentes identidades, valores, normas e significados situados pelos próprios contextos. Deste modo, a identidade é resultado de um processo de relações subjetivas e coletivas, aprendidas e continuadas, sociais e cognitivas, assim a identidade está em constante reconstrução dentro de experiências sociais, culturais e históricas vivenciadas por cada pessoa (Hall, 2006). Ainda, conforme este autor cabe compreender que:

[...] as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são nunca, singulares, mas múltiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (Hall, 2009, p. 108).

Neste viés, compreende-se que a identidade da mulher negra é atravessada por múltiplas determinações históricas e sociais que a colocam em constante processo de reconstrução. Essa fragmentação, no entanto, não se configura apenas como característica da modernidade, mas é sentida concretamente na pele, pois a Mulher Negra é transversalizada por camadas simultâneas de opressão, como raça, gênero e classe. Assim, sua identidade é tensionada entre expectativas externas e escolhas internas, revelando um movimento contínuo de enfrentamento e afirmação. Assim, evidenciando uma fragmentação identitária, longe de significar fragilidade,

expressa um campo de disputa simbólica e política. Dessa forma, a mulher negra constrói sua trajetória identitária entre os silenciamentos históricos e os processos de resistência.

Nessa direção, Moreira (2023) considera que a identidade é constituída na distinção entre os sujeitos, pois ninguém se constrói de forma isolada, visto que, nós nos sentimos pertencente a determinados grupos identitários como forma de oposição àquilo que não se quer ser. Assim:

[...] a identidade se faz na diferença em relação ao outro. Uma pessoa só vai se identificar brasileiro, pois existe o não brasileiro, ou estrangeiro. Da mesma forma uma mulher se identifica como tal porque tem o homem como seu oposto (Moreira, 2023, p. 16).

Ou seja, a identidade individual está relacionada a atributos que diferenciam cada pessoa no contexto social, evidenciando suas particularidades e vivências próprias. Em contraposição, a identidade coletiva refere-se aos elementos comuns que unem determinados indivíduos, possibilitando a constituição e o reconhecimento de um grupo dentro da sociedade.

As identidades coletivas se constroem a partir do sentimento que se tem no sentido do pertencimento e do reconhecimento dos sujeitos em relação a determinados grupos, e em termos sociais. Estas identidades constroem-se coletivamente dentro destes grupos como uma forma de fortalecer a convivência dos mesmos, e surge através das experiências vivenciadas, também envolve a cultura, símbolos, histórias e as lutas pelos direitos de pertencer e ser na sociedade.

A identidade das Mulheres Negras é construída no âmbito individual e no coletivo, portanto destaca-se que a identidade racial vai além da cor da pele, pois envolve posicionamento político-ideológico construído socialmente. Um mesmo sujeito pode ser interpretado racialmente de diferentes maneiras, a depender do contexto social e do espaço geográfico em que se encontra, o que evidencia que esta identidade é um processo coletivo, influenciado por diversos fatores, mas principalmente por lutas socioculturais. Desta forma, essa identidade é influenciada pelos contextos sociais e geográficos nos quais os sujeitos estão inseridos, como já mencionado, visto que a leitura racial de uma mesma pessoa pode variar conforme o espaço em que se encontra, evidenciando o caráter social e relacional do pertencimento racial.

Identidade coletiva da Mulher Negra é mais do que se reconhecer como mulher, pois por muito tempo “[...] as mulheres negras estavam divididas, dependendo de qual

identidade prevalecia: sua identidade como negra ou sua identidade como mulher [...]” (Hall, 2009, p. 19). Com isto, é necessário compreender que a identidade destas mulheres se evidencia através do se enxergar como Mulher Negra, protagonista da sua própria história, mulher esta que trabalha o fortalecimento da cultura e da história negra diariamente através da identificação simbólica, da apropriação da estética negra, como assumir o cabelo afro black, as tranças, os traços largos e a pele escura. Sendo a principal característica da identidade da mulher negra, o posicionamento político antirracista. E a identidade individual destas mulheres ocorre a partir da afirmação do que se é construído coletivamente, porém no plano da individualidade de cada uma.

Neste viés, Gomes (2012) ressalta que a construção da identidade negra não ocorre de maneira imediata, mas se configura como um processo contínuo, semelhante ao desenvolvimento de qualquer outra identidade. Esse processo é gradual porque depende da interação de vários elementos que se entrelaçam ao longo da vida, como os fatores históricos, sociais, culturais, emocionais e até políticos que influenciam como a pessoa negra se reconhece, se posiciona e interpreta suas vivências. Assim, a formação da identidade de Mulher Negra envolve um complexo processo, composto por diversos aspectos, que moldam a compreensão destas mulheres sobre si mesmas e sobre seus pertencimentos na sociedade. Nesses termos, “Igual a qualquer outro processo de construção de identidade, a identidade negra também se constrói progressivamente, uma vez que, trata-se de uma movimentação que “envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos” (Reis; Alves & Silva, 2017, p. 6).

Com isto, a construção e a aceitação da identidade da Mulher Negra se relacionam-se com o grupo com o qual ela se reconhece, sem contar nas necessidades, as lutas e todo o percurso social, econômico e político que marcam a história desse coletivo ou de uma mulher. Ou seja, a identidade de Mulher Negra não ocorre de forma homogênea, pois cada uma possui características específicas com base nos contextos de vida e nas realidades em que vivem.

Assim, a forma como se vestem, seus cabelos e como se posicionam na sociedade dizem respeito a características que são socialmente construídas. Logo, tal identidade é construída a partir de um processo situado e local, mas também se relaciona com o tipo de sociedade em vigor, se faz para além do biológico, pois

envolve as experiências vividas por mulheres negras em um universo racista, de modo geral. Assim:

[...] a identidade da mulher negra sempre foi construída pelos estereótipos criados pelo Outro, pela sociedade. São separados certos comportamentos ou posturas destas mulheres para que sejam aceitas socialmente. Não são levadas em consideração as suas subjetividades (Moreira, 2023, p. 17).

Para Almeida, (2020), uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente passam a ser inseridos em uma ampla rede de sentidos, valores, símbolos e significados socialmente compartilhados, cuja existência antecede a própria formação de sua consciência, de seus afetos e de sua percepção de mundo. Nesse processo, as identidades raciais são construídas historicamente por meio das relações sociais, das experiências vividas e das narrativas coletivas que moldam os sujeitos. Tais considerações de Almeida (2020) se aproximam dos conceitos apresentados por Gomes (2012).

Dessa forma, pode-se afirmar que a construção da identidade, seja ela negra, branca, indígena ou pertencente a outros grupos étnico-raciais está intrinsecamente ligada às dinâmicas sociais, culturais, políticas e à história coletiva desses povos, não sendo resultado de uma essência natural, mas de um processo contínuo de significação social, conforme assinala Silva & Nascimento (2016, p. 183).

A busca pela identidade da mulher negra, aflora-se através do movimento negro que surge mediante retomada de alguns movimentos sociais e início de vários outros movimentos no fim da ditadura e início do Estado de Direito. Ou seja, há uma luta histórica do movimento negro pela garantia de direitos civis, políticos, e humanos dessa população, e apesar dos retrocessos, as mulheres negras vem conquistando crescente empoderamento mediante as políticas públicas.

A afirmação da identidade negra, nesse caso, acontece com a tomada de consciência por parte dela, e faz conexão direta com o enfrentamento do racismo que incide sobre sua trajetória, uma vez que é por meio da construção de sua própria identidade que se torna possível questionar e superar práticas e discursos discriminatórios, misóginos, preconceituosos, racistas etc. Esse processo não é simples, pois exige conhecimento, reflexão crítica e luta constante. Ao desenvolver a consciência de si, de sua história e de suas origens, a Mulher Negra passa a lidar com valores e preconceitos historicamente produzidos e naturalizados pela sociedade. Até porque sabemos que o preconceito não é algo inato ao indivíduo, mas socialmente construído e reproduzido nas relações sociais (Silva; Nascimento, 2016).

Nessa direção, já trazendo um pouco dos processos educativos vividos por mulheres negras nesse rápido tempo de trabalho de curso, a ideia de uma das mulheres é elucidativa: “[...] mulher negra é resistência, é fortalecer todos os dias a caminhada. A mulher negra traz no seu corpo, no seu caminhar, todo um processo histórico em relação à nossa ancestralidade [...] (Entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025).

Como vemos, ser Mulher Negra implica ir além da condição biológica ou fenotípica, significa assumir uma consciência crítica de todo um processo ideológico colonizador, patriarcal, excludente, opressor às mulheres em especial. Os quais são transmitidos/propagados por meio de discursos míticos e estereotipados, que sedimenta uma forma de conhecimento que aprisiona o sujeito com uma imagem alienada de si mesmo. Nesse sentido, reconhecer-se como mulher Negra envolve apropriar-se dessa consciência para desconstruir tais representações e, a partir disso, elaborar uma nova consciência social e política, capaz de assegurar o respeito às diferenças e de reafirmar a dignidade humana, conforme assevera Moreira (2023).

A construção da identidade da Mulher Negra constitui um processo contínuo marcado pela resistência e pelo enfrentamento às estruturas racistas na sociedade. Esse percurso tem como objetivo o reconhecimento de si, de sua história e de sua ancestralidade, possibilitando a desconstrução de discursos e práticas discriminatórias que limitam e silenciam essas mulheres. Pois, quando uma Mulher Negra assume sua identidade como tal, ela também reafirma sua dignidade e a sua importância na sociedade, e assim põe em marcha sua trajetória como ato político de resistência. Deste modo, a identidade da mulher negra não se reduz a aspectos biológicos ou fenotípicos, mas em uma construção de sócio-histórica antirracista, fundamental para a luta por uma sociedade mais justa.

3 CAPÍTULO II

MULHERES NEGRAS, MEMÓRIAS E EDUCAÇÃO

Neste capítulo a discussão é sobre Mulheres Negras e Educação na perspectiva de identificar resistências e conquistas destas mulheres no âmbito de suas trajetórias de vida e a escolar, enfatizando processos educativos e identitários formativos. A discussão será com base nas narrativas de três mulheres negras, e desta forma, entendemos que:

A narrativa contempla a experiência contada pelo narrador e ouvida pelo outro, o ouvinte. Este, por sua vez, ao contar aquilo que ouviu, transforma-se ele mesmo em narrador, por já ter amalgamado à sua experiência a história ouvida. A consonância com tal modo de pensar a experiência e a narrativa como a sua expressão, levam-nos a eleger a narrativa como uma técnica metodológica apropriada aos estudos que se fundamentam nas ideias fenomenológicas e existenciais. Através da narrativa, podemos nos aproximar da experiência, tal como ela é vivida pelo narrador [...] (Dultra, 2002, p. 373).

Neste sentido, as narrativas de Rosineide, Erica e a d autora deste texto, não devem ser lidas como relatos isolados ou meras recordações do passado. Elas constituem um entrelaçamento de experiências que, ao serem narradas hoje, transformam-se em um arquivo coletivo de resistência.

Um pouco mais de narrativa, cabe dizer que esta “[...] em vez de ser uma lembrança acabada de uma experiência, se reconstrói à medida em que é narrada” (Dultra, 2002, p. 373). Assim, neste trabalho as narrativas destas Mulheres Negras foram construídas a partir de suas memórias em fragmentos de experiências, vivências e momentos da atuação delas em espaços como da escola, do movimento negro e de trabalho.

Tais narrativas foram construídas entre a autora deste trabalho e as mulheres, sendo captadas por meio de entrevistas durante a pesquisa. A própria autora considerou pertinente trazer suas narrativas para a construção do estudo, pois estas dialogam com as das outras mulheres, que afirmam suas experiências no processo de se reconhecerem negras e de se construírem dentro de uma identidade de Mulher Negra na sociedade.

As Mulheres Negras participantes da pesquisa como mencionado, são: Rosineide Jorge, residente do município de Irituia, pedagoga atuando como professora na rede municipal desse município. Sua inclusão e aceite na pesquisa, foi o nível de proximidade com ela e sua contribuição como mulher negra atuante no

movimento negro, sendo sua história alicerce e inspiração da autora deste trabalho no seu processo de construção de sua identidade negra. Outra mulher negra é Erica Oliveira, uma irituiense, sendo que atualmente reside e trabalha em Maringá-PR. Seu processo identitário e de reconhecimento de sua negritude ainda continua em processo de construção, daí a opção em contar com sua participação, além da proximidade também. E a terceira é a própria autora deste texto, que também se considera está em construindo como mulher negra, e assim como as outras duas mulheres, possui experiências deste processo.

Então, o estudo analisa as histórias destas mulheres relacionadas ao torna-se empoderada como mulher negra nesta sociedade, em interface a processos de educação como já dito. Logo, na sequência as narrativas de cada uma delas, acentuando aspectos de formação e suas negritudes.

3.1 Meu percurso de Negra na Vida

Naiani Oliveira da Vera Cruz integra um grupo de quatro irmãs, filhas de Marinalda Nunes Oliveira e Davi Lopes da Vera Cruz. Nasceu e foi criada na comunidade do campo denominada Família Unida, município de Irituia, Pará. Vale dizer que esta vila, teve como um de seus fundadores seu avô paterno, Bento dos Santos Oliveira, além de sua tataravó Agatônica.

Iniciou os estudos escola da comunidade com sete anos de idade. Embora os pais trabalhassem no roçado, algo que a marcou muito foi, além da escola a experiência na e da roça precisamente ao lado da mamãe. Desse tempo vivenciou a capina na companhia das irmãs, e também, nesse mesmo espaço, por entre as plantações de mandioca, as brincadeiras de boneca, de casinha, entre outras peripécias. As bonecas eram feitas com espigas de milho ou com pedaços de pau enfeitadas de pano; isso também acontecia porque “mamãe não deixava levar nossos poucos brinquedos para não sujar” (Naiani Vera, 29 anos, 2025).

Assim foi crescendo. Segundo narrou a autora, as brincadeiras foram diminuindo, enquanto aumentava a ajuda aos pais no trabalho na terra. Logo, aprenderam a ajudar a plantar maniva, preparar a mandioca, entre outras tarefas do preparo da farinha. Essas tarefas eram feitas após o retorno da escola, porque “a mamãe dizia que a escola vem em primeiro lugar” [...]. “Minha mãe sempre foi a minha maior incentivadora nos estudos, uma mulher negra guerreira, forte e trabalhadora,

que lutou de sol a sol para nos dar a oportunidade de estudar, coisa que ela não teve. Por isto, ela tornou-se minha inspiração”. (Naiani Vera, 29 anos, 2025).

Neste ponto, trago como reflexão da vida amazônica com apoio dos estudos de Neves e Pojo (2024, p. 38) quando afirmam que as famílias que vivem no campo em muitos momentos, levam os “seus filhos para o trabalho, dando visibilidade ao mundo social vivido por eles. Dizem de uma realidade de vida rural-amazônica que bebês e crianças pequenas estão inseridas, onde o básico se mistura com o improvisado e a simplicidade da vida nesse mundo amazônico e de muitas famílias”. O que destaco é que as vivências da família da mulher negra autora deste trabalho, também no contexto do campo, era, em muitos momentos, de os pais precisam levarem os filhos para o roçado, com receio de deixá-los sozinhos em casa, e ao mesmo tempo, precisam trabalhar para o sustento familiar, com destaque que nesse campo amazônico o trabalho na roça era a fonte de renda principal. Igualmente hoje, já passado um bom tempo tal prática persiste. E vem como questionamentos, serão pessoas negras? O campo/rural ainda me pareceu invisibilizado e sem a garantia de direitos?

O certo é que, com a menina negra Naiani Oliveira, com 9 anos, acontecia assim também das memórias que ficaram vivas. E a vivência da roça e do campo/rural na vida dela foi resolvida da seguinte maneira: “Ao chegar da escola, avistei na frente da casa do meu avô Bento um carro, eram uma família que moravam em Belém, eles conheciam alguns parentes de minha mãe, e estavam à procura de uma outra menina para morar com eles, e foi assim, entre a necessidade e a curiosidade, fui com eles e como “ajuda” agora fazia as tarefas da casa como lavar, limpar e fazer outras coisas”(Naiani Vera, 29 anos, 2025). Sobre essa problemática de meninas negras no trabalho doméstico, Oliveira e Gomes (2019, p. 18), destacam com base dados e pesquisas estatísticas de órgãos consolidados que: “[...] as meninas negras ainda são levadas a reproduzirem um padrão com base no sistema escravocrata, e estão nas grandes e pequenas cidades exercendo a profissão de domésticas “93% das crianças e dos adolescentes envolvidos em trabalho doméstico no Brasil são meninas negras”, diz o estudo.

Essa mulher negra, lembra ainda e externou como narrativa de vida que marca sua história negra, a menina e do campo em processo de desigualdade, em que sua infância foi corrompida, e

todos os dias chorava com saudades da mãe e minha família, àquela altura chegava os preparativos para o Natal e também ajudava a senhora e a filha dela nos preparativos das comidas e o dia inteiro lavando louça, e essas tarefas iam até a madrugada quando lavei o último prato. Minhas mãos doíam, os pés estavam inchados e só pedia a Deus para que minha mãe viesse me buscar. A senhora concedeu-me descansar até um pouco mais tarde noutro dia porque eu tinha sido obediente e lavei toda a louça (Naiani Vera Cruz, 29 anos, 2025).

A experiência narrada evidencia a permanência de uma mentalidade escravocrata ainda presente nas relações sociais brasileiras, na qual o corpo da criança negra é historicamente percebido como força de trabalho disponível e não como sujeito de direitos. Ao ser levada para “ajudar” nos afazeres domésticos e permanecer lavando louça até a madrugada, revela-se uma lógica que naturaliza a exploração do corpo negro desde a infância. Ademais o sono comprometido, decorrente de jornadas exaustivas, impacta diretamente o desenvolvimento cognitivo, podendo ocasionar dificuldades no processamento de informações e prejuízos no aprendizado escolar. Ainda, pode contribuir para a construção de uma autoestima escolar fragilizada, marcada pela sensação de não pertencimento e inferiorização. Nesse contexto, a escola, que deveria ser espaço de proteção e emancipação, acaba também atravessada por desigualdades estruturais que reproduzem hierarquias raciais e sociais. Assim, tais experiências não são episódios isolados, mas expressões de uma estrutura que ainda associa a infância negra ao trabalho e não à infância plena.

Foi assim até 2008 quando a mãe veio, e entre choro e abraço, acabou e retornou com ela para o município de Irituia. Seguiu com os estudos lá, embora a situação de longas distâncias caminhando, a mesma relata que era divertido porque havia a companhia de outras crianças, no bem viver de correr, subir nas árvores, contar e inventar histórias, tomar banho de igarapé etc.

No entanto, ela relata que na escola foi difícil, pois afirma ter entrado em contato com o preconceito e o racismo. Um episódio que a marcou ocorreu na quarta série, a solicitação da professora que ela fosse “com o cabelo preso porque estava um fuá, e todos os colegas riram [...]”. “Foi uma questão que seguiu em mim e eu odiava o meu cabelo” (Naiani Vera, 29 anos, 2025). Neste aspecto, Gomes (2002, p. 46) esclarece que:

Se antes a aparência da criança negra, com sua cabeleira crespa, solta e despenteada, era algo comum entre a vizinhança e coleguinhas negros, com a entrada para a escola essa situação muda. A escola impõe padrões de currículo, de conhecimento, de comportamentos e também de estética. Para estar dentro da escola é preciso apresentar-se fisicamente dentro de um

padrão, uniformizar-se. A exigência de cuidar da aparência é reiterada, e os argumentos para tal nem sempre apresentam um conteúdo racial explícito. Muitas vezes esse conteúdo é mascarado pelo apelo às normas e aos preceitos higienistas. Existe, no interior do espaço escolar, uma determinada representação do que é ser negro, presente nos livros didáticos, nos discursos, nas relações pedagógicas, nos cartazes afixados nos murais da escola, nas relações professor/a e aluno/a e dos alunos/as entre si.

Ou seja, os estudos dessa temática apontam que a questão racial existe na escola com traços de ausência de trato pedagógico ou de silenciamento. No caso da situação explicitada pela autora, a mesma sentia-se que uma boa aluna por suas notas, mas se ressentia com as falas de alguns colegas em tom de menosprezo com o cabelo, a cor da pele, em síntese, com o estereótipo. E, todas as vezes que levava essas questões até os professores, eles se limitam a chamar atenção dos alunos que parassem com aquela brincadeira de mal gosto.

Eu não via só como brincadeira, naquele momento percebi como racismo disfarçado de brincadeira, era o racismo na escola e na sociedade. Um racismo que impacta e marca vidas negras e que ainda hoje faz crianças negras sofrerem com baixa autoestima e não aceitação de seu corpo e história (Naiani Vera Cruz, 29 anos, 2025).

Novamente, o referencial de Gomes (2021, p. 40) nos parece oportuno. A autora enfatiza que “a instituição escolar é vista como um espaço em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas também valores, crenças, hábitos e preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade” [...]. Assim, é perceptível que os relatos de vida da autora deste texto e o referencial de Gomes (2012), situam o que está em jogo - a escola não é apenas um local onde aprendemos e ensinamos conteúdos, mas também, onde acontece processos de identidade, de desigualdade social. Deste modo, a forma como os professores e a comunidade escolar se posiciona diante de situações de preconceito e de racismo podem marcar a vida de um/uma aluno/a de forma positiva ou negativa.

A autora, agora com 13 anos, continuou em luta por condições melhores de vida, por isso com outra família na cidade de Irituia foi cuidar de duas meninas, da casa e ter que estudar. Nesse momento, foi tranquilo em relação ao trabalho e o tratamento como ser humano, porém na escola persistia os atos de discriminação, aqui sobe a forma de não ter amizade e se sentir só, já que devido ser negra e de origem camponesa, percebia os olhares preconceituosos, e poucos colegas se aproximavam para conversar. Nesses termos,

A discriminação racial tem sido identificada como fator de estímulo à evasão escolar e indutores de baixa autoestima entre alunos afro-brasileiros, prejudicando seu rendimento escolar, aumentando a

possibilidade de repetência e reduzindo sua frequência às salas de aula (Nascimento, 2001, p. 121).

Sua juventude então, passa com intenso trabalho em distintas outras funções, como venda de açaí, babá, atendente de lanchonete, garçom e a continuidade dos estudos. Porém, houve um tempo que os estudos ficaram para depois, e foi trabalhar em outros estados, Maranhão e Paraná. Vemos que ser mulher e negra, do campo e família com poucas condições econômicas, faz com estudar fique em segundo plano, e o trabalhar em primeiro. Tais razões dialogam, diretamente, com as pesquisas sobre a negritude no ambiente escolar de Costa (2021). Ademais, o racismo ao estrutural, hierarquizado e racializa a sociedade brasileira, e nesse sentido mantém a mulher negra em posição de subalternidade, submetendo-a a diferentes formas de violências como a física, cognitiva e social, e dessa forma contribui para exclusão desses sujeitos nos espaços escolares e, conseqüentemente, no mercado de trabalho formal (Oliveira & Gomes, 2019).

O alcance do Ensino Médio veio pelo ENCEJA² em 2019, logo após o Exame Nacional do Ensino Médio e o ingresso no curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), que nesse momento fecho este ciclo com este trabalho.

Peço licença aqui, para mudar a forma gramatical e destacar alguns pontos sobre a temática em tela. Nesse momento, me sinto com alegria e orgulho de minha trajetória de vida como mulher negra, por entre percalços e lutas, esperando, o que significa:

[...] reconhecer e valorizar as vozes e conhecimentos das mulheres negras implica em dar importância à sua experiência e luta, e em criar espaços onde suas contribuições sejam reconhecidas e respeitadas. Isso não só promove a justiça e a igualdade, mas também pode aliviar a pressão do tríplice jornada, tornando mais acessível o crescimento pessoal e acadêmico (Santos, 2023, p. 226).

Da comunidade de origem carrego em meu coração lembranças de minha infância, por meio dos banhos de igarapé, das brincadeiras no quintal de minhas avós, das rodas de carimbó nos festejos religiosos e as noites de luar em que minha família se reunia para contar as histórias pelas vozes dos antigos. Observo que o meu percurso de vida, de mulher negra, não distingue das demais mulheres negras deste país, marcado pela racialização, pelo racismo e pela desigualdade social e de gênero, mas que transversaliza lutas constantes contra nossa invisibilização em uma sociedade racista e de impregnado patriarcado.

² Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos.

Minha narrativa, se coloca em contribuição e encosta nas histórias das outras duas mulheres negras do estudo, a seguir.

3.2 Escurecendo Minha Identidade

Rosineide Jorge, 48 anos, mãe de três filhos, nascida em Belém, Pará. É filha de uma professora poetisa e religiosa franciscana, Maria de Nazaré Fátima Lima Jorge e do açougueiro Romário Ramos da Silva Jorge. Considera que sua infância foi cheia de estudo e brincadeira, motivada pela mãe, desse tempo considera ter sido feliz com os oito irmãos, no bairro do Guamá onde moravam.

Tempo depois, foram morar no município de Ananindeua. Considera também, que sua criação foi boa e na companhia rigorosa do pai e da mãe, estiveram juntos até o falecimento dos dois. “eu e meus irmãos todos estudamos, porém, minhas irmãs passaram mais dificuldades em relação aos estudos, porque a condição familiar não era das boas” [...], “eu não passei muito por isso, porque quando eu nasci a gente já tinha uma condição um pouco melhor, mas a vida deles foi muito sofrida” (Entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025).

A figura da mãe foi referência, devido seu esforço e o incentivo ao estudo:

Ela sempre nos colocava como uma família negra, então a gente tinha isso de que se tinha que estudar, então o objetivo maior na vida era o estudo. Ela incentivava, ficava do lado e acompanhava com os livros e ao lado em relação ao estudo, tudo isso a gente aprendeu na nossa infância (Entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025).

Cruz (2022, p. 7) ressalta que “As famílias negras entendem que a inserção em sucessivos níveis e graus de escolarização implicará no desvio do destino da ocupação de funções ligadas ao esforço físico”. Assim a educação torna-se um instrumento de luta, que impulsiona a resistência de Mulheres Negras frente ao racismo estrutural, e ao mesmo tempo, evidencia a consciência das famílias negras acerca do papel da educação na construção de novas oportunidades. Ainda, através do “cuidado da mãe Negra, a maneira como a criança é vista no meio familiar, que lhe possibilitam a construção de uma autorrepresentação positiva sobre o ser negro/a” (Gomes, 2012, p. 46). A assertiva da autora é perceptível nas narrativas de Rosineide, de incentivo de sua mãe negra para possibilitar educação escolar, almejando assim mudança na vida dela e dos irmãos.

Sobre a condição de Mulher Negra, Rosineide afirma que devido a forma como foi criada, impulsionou na percepção e aceitação de si como uma Mulher Negra. “Só

que eu não conseguia me ver na questão mesmo da sociedade, a gente tinha essa consciência de que nós éramos negros, mas a questão mesmo desse fortalecimento, desse empoderamento, ele vai ser mais evidente da minha vida de jovem, em torno dos 18 anos, quando eu integro as discussões do Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (CEDENPA)” (Entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025), embora já ter uma “caminhada, porque nós já nos víamos como uma família preta, negra” (Entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025). E quando entro no CEDENPA, “as coisas foram escurecendo mais”, isto é, durante a entrevista foi possível perceber que esse termo (escurecendo) destacou no sentido do seu processo de tomada de consciência da identidade negra, e que a partir daquele momento passa a se reconhecer como uma Mulher Negra e dentro de uma sociedade racista, assim como o impacto disto em sua vida.

Ou seja, esta mulher negra considera o Centro, um movimento que possibilitou compreender melhor as falas racistas, o empoderamento, o conhecimento histórico do negro, negritude porque, até então, “nós víamos a minha mãe, minhas tias e a partir do CEDENPA, eu consigo ver outras mulheres negras, pretas, e passo a ter uma visão maior em relação ao nosso caminhar na sociedade. Assim, entendo a importância da nossa luta antirracista por meio desse conhecimento maior dentro do movimento” (entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025).

Percebemos que o contato das mulheres com movimentos negros, a exemplo do CEDENPA, é imprescindível para o reconhecimento da própria história e da importância da mulher e da Mulher Negra. Mais ainda, quando se pauta essa mulher em sua condição, potencial e de luta, por ser também mãe, esposa, filha e participante ativa de uma sociedade que tenta minimizar sua relevância histórica, social, política e cultural conforme assinalam as autoras Reis *et al.* (2017). Ademais, o movimento negro ajuda as pessoas a se enxergarem como negros/negras e assumirem suas identidades de pessoa Negra, e se orgulhar da sua estética Negra.

Apesar de a gente se reconhecer como Mulher Negra, a nossa autoestima, às vezes, não anda bem e com o apoio, escuta, estudo e militância negra por um movimento negro como o CEDENPA, afirma Rosineide, passamos a dar valor no:

Protagonismo, e também uma autoestima elevada, e isso foi um divisor de águas pra minha vida, pois a partir dei-me conta da aceitação. Além de que, quando eu vi aquelas mulheres com seus dreads³, com seus cabelos blacks, aquilo pra mim também foi um incentivo pra mudar, perceber a vestimenta,

³ É um tipo de penteado no cabelo que tem significados cultural, histórico e identitário para negros.

conhecer um pouco da nossa história. Então, foi assim olhando aquelas outras mulheres, que serviram de exemplo, pra eu dar continuidade (Entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025).

O relato de Rosineide, evidencia que o protagonismo feminino negro é algo importante para se obter autoestima positiva de si e da identidade de Mulheres Negras. Assim, essa representatividade vinda principalmente por meio da estética, de vestes e do cabelo torna-se um elemento forte e potente para essas mulheres, e especial para as que se encontram em processo de construção de suas identidades e empoderadas e de luta nesta sociedade. Com isto:

O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo, os corpos negros podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos (Gomes, 2006, p. 02)

Assim, a participação dentro do movimento negro configura-se também como uma forma de resistência aos padrões de beleza eurocentrados, ao valorizar os traços físicos e culturais da população negra, como cabelos crespos, tranças, turbantes, tonalidades de pele negra e características corporais próprias do povo negro, promovendo o fortalecimento da identidade, da autoestima e da afirmação social destes sujeitos. Como Rosineide afirmou o movimento negro trabalha o escurecimento, que é o abandono dos padrões eurocêntricos e o fortalecimento de identidade negra e de ancestralidade afro-amazônida.

Conforme narrativa desta Mulher Negra, vimos que seu caminhar como pessoa negra, também teve questões de racismo alguns mencionados por ela, até porque segundo a mesma ainda não tinha contato com o CEDENPA e,

enfrentava de uma certa forma e no movimento, enfrentei de outra forma. Então, na época de criança e juventude e sem informações e estudos, eu me calava, eu era presa, tímida, e o teatro foi também diferencial na minha vida, porque eu comecei a falar mais, a poder a me comunicar (entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025).

Ainda, quando criança a gente “é ensinado que por ser negra, a abaixar a cabeça, não falar, ficar sempre com vergonha e local de fala é do outro, e não o nosso” (entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025). Essas falas de nossa entrevistada evidencia a forma como o racismo estrutural atua.

Este sentimento de inferioridade evidenciado, pode explicado assim “[...] O racismo, sendo um código ideológico que toma atributos biológicos como valores e significados sociais, impõe ao negro uma série de conotações negativas que o afetam

social e subjetivamente” [...]. (Gomes, 2002, p. 49). Deste modo, a mulher negra por ser sempre transversalizada pela inferioridade imposta pelo racismo, preconceito, discriminação, desigualdade social e de gênero, precisa outorgar de modo radical seu protagonismo, embora este na história tenha sido o do outro, porque:

[...] a ideologia do racismo “científico” propagou a desigualdade entre os seres humanos, seus desdobramentos emolduraram negros e indígenas na categoria “outros” e definiram seus “devidos lugares” na sociedade brasileira. Por isso, na análise da variável gênero, não há o lugar da mulher negra, como não há lugar no currículo escolar, não há lugar no conteúdo programático, nem nas imagens ilustrativas da sala de aula, mas há lugar na cozinha da escola decorando o cardápio da merenda escolar (Videira, 2025, p. 49).

Rosineide detalha em parte essas questões, quando afirma que:

Em casa, tinha essa questão da mamãe de dizer, estuda, porque nós somos de família negra, e negros temos que estudar para conseguir ter uma vida melhor, ou seja, como família negra, de negros, a obrigação de estudar era dobrada [...] com isso, eu sempre gostei de estudar. Então, para mim, a educação praticamente, representa tudo, pois é suma importante para cada ser humano, principalmente para nós, negros e negras. Eu acredito que ela transforma, que ela modifica e que ela dá um outro sentido de vida, então pra mim a educação ela é o sinônimo do meu caminhar Entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025).

A narrativa salienta a importância da educação para famílias negras, vista não somente como um direito, uma oportunidade de transformação de vida, assim como um ato de esperança frente ao ciclo de exclusão, de desigualdades. Ademais, a educação na vida das Mulheres Negras representa também, uma forma de romper com estruturas machistas e de gênero. Torna-se sinônimo de liberdade.

Chegar à escola é um momento especial para toda a criança, portanto, espera-se que a mesma seja um lugar acolhedor, receptivo a todas elas e que considere a diversidade dos grupos formadores de cada turma. Esta recepção estará no tratamento dado aos novos alunos pelos profissionais da escola e, também na decoração geral, nas músicas cantadas, nos livros lidos e que estes não deverão estar carregados da suposta neutralidade colonial, mas espera-se que tenha o cuidado de se mostrar como um espaço para as diversidades que se mostram em intersecção na sociedade. No entanto, o que mais observamos é a invisibilização do corpo, dos saberes e do lugar do sujeito negro na sociedade (Oliveira; Gomes, 2019, p. 26).

Cabe frisar que, no percurso escolar segundo a narrativa de vida de Rosineide, nós negras sempre fomos invisibilizadas. Exemplifica isso, afirmando lembrar que “uma vez teve um show de talentos” na escola onde ela estudava, “e não tinha essa referência de pessoas negras” ela se vestiu de Madona. “As críticas foram imensas, porque Madona é loira, e eu preta” (Entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025). Este relato evoca a falta do escurecimento como disse Rosineide, além de falta de trato educativo dentro da educação para todas as pessoas indistintamente porque a

escola tem o dever de saber lidar e a tarefa de proposição de pedagogias inclusivas, justas e democráticas, logo precisa saber lidar com uma situação desse tipo. Saber trabalhar com a cultura e identidade negra, ter entendimento étnico, afrodescendente, negro, e assim, não compor atividades pedagógicas que gerem sentimento de inferiorização.

A invisibilidade da criança negra, hoje entende que a gente precisa se manifestar. Mas, os embates estão juntos, porque se falamos muito, estamos querendo aparecer, e ficar calado é o que eles querem e assim quanto menos se manifestar melhor. São ambiguidades, embates e lutas que segundo ela marcou sua caminhada de estudante e de mulher negra.

E o não reconhecimento das pessoas em sua singularidade e totalidade constitui uma forma de negação da existência, produz um distanciamento pedagógico entre docentes, estudantes e os conteúdos escolares, sem contar que esse processo resulta na desvalorização dos valores culturais, sociais e comunitários dos alunos negros/as, contribuindo para a reprodução de opressões, principalmente contra Mulheres Negras, que, em todos os níveis de escolarização permanecem invisibilizadas em razão do racismo, machismo e do sexismo, fundamentados na colonialidade do ser, do poder e do saber (Videira, 2025).

Novamente, a narrativa de Rosineide, confirmando esse ponto, de que na escola, por repetidas vezes, a pessoa negra acaba mostrando medo, receio de ser tomada em constrangimento ou algo do tipo. “Eu tinha medo, e ficava calada” e diziam “Ah, ela é comportada” sabe aquela coisa “a pretinha comportada”, precisava ser assim. E às vezes, “como meu pai era açougueiro, para alguns professores eu oferecia carne”. “Aí eu dizia, pai, professora tal coitada dela. Aí que era para tentar ter uma aproximação maior com o professor, achando que se eu ajudasse e dessa alguma coisa, ia ser melhor para mim. Mas coisa de criança e também pela questão social” (Entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025). Como já dito a ausência do escurecimento por pessoas negras, isto é, o valor da negritude e do empoderamento negro naquele momento, levou a Rosineide naquele período de infância acreditar que aquela moeda de troca seria a melhor forma de ser aceita pelos professores.

Esta mulher negra, ainda relatou dos desafios enfrentados em outra cidade, Irituia, mas seguiu com cara e coragem, ter que morar com pessoas que não conhecia, em suma, foram diversas provações como fazer a pós-graduação em Belém. Mas, conseguiu. Nesta cidade algumas pessoas lhes achavam empoderada. Então, esse

empoderamento, alçado com a inserção no CEDENPA ela aprendeu fazer o enfrentamento diante do que pessoas racistas colocavam como “que preta besta” (Entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025), até porque esperam e educavam para o ser negro cabeça baixa. “E eu tinha conhecimento e sabia pôr em prática o que aprendi com a experiência nem sempre positiva da escola e na vida, e também por gostar de estudar” (Entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025). Assim:

[...] esse o processo de empoderamento que possibilita que nos olhemos nos olhos, que nos cumprimentemos com solidariedade, irmandade e amor. Neste espaço, falamos a respeito de nossas diferentes experiências de ser mulher negra, influenciadas pela classe, localização geográfica, formação religiosa etc. (Hooks, 2019, p. 86).

Ainda, a atuação profissional como professora foi importante na vida dela. Foi a prova de sua resistência negra e de mulher, ser professora e mesmo “vim para cá”. Foi percebendo que o conhecimento, “o aprender e aprender da agricultura com meus alunos para colocar em prática outra didática sobre a vida, sobre a vida do campo e sobre a vivência deles” e de ser negro. Aprendeu demais com os contrapelos da vida de mulher negra dia a dia, ser “uma mulher empoderada, uma mulher que se assume como negra” (Entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025).

E em se tratando da educação escolar, é função política desta atuar a favor de uma consciência civilizatória, da diversidade e do diálogo, logo no enfrentamento de práticas racistas, preconceituosas e discriminatórias, atuando também na mediação de conflitos e na construção de consensos que favoreçam a elaboração de recursos didáticos inclusivos, assim assevera Videira (2025). Ademais, tais ações interculturais e antirracistas possibilitam aos estudantes vivências escolares e acadêmicas baseadas na troca, na escuta sensível, na construção coletiva e em relações interpessoais saudáveis entre sujeitos que são diversos. Além disso, o conhecimento humano, enquanto expressão de sujeitos históricos, plurais e heterogêneos, amplia as possibilidades de aprendizagem dentro e fora dos espaços formais de ensino, foi o caso das mulheres citadas neste escrito, que aprenderam com suas trajetórias de vida.

Vamos a mais uma situação que mulher negra passa. Esta aconteceu no Banco do Brasil, em Belém narrada pela Rosineide. Ela e mais duas mulheres do movimento negro, foram advertidas assim: “o que nós estávamos fazendo lá”; “para abrir uma conta, você precisa de quinhentos reais” (Entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025), em tom exaltado. E o mesmo não aconteceu com uma moça loira, vestida de

branco. Ainda, com elas ficou o segurança, de olho. Foi um ato de racismo. Elas, foram na delegacia e foi uma situação marcante na vida delas, porque ficou difícil de reagir ante essa atitude de racismo, sem contar no sentimento ruim e mesmo elas sendo do movimento negro, machucou daquele jeito.

“Agora, imagina uma criança negra, um adolescente negro, e uma pessoa que não tem esse conhecimento do lugar, como é que resiste com essa sociedade racista” (Entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025). Então, a escola ao perceber/defrontar-se com o racismo, precisa atuar com radicalidade e dentro da legalidade, denunciar. “Então, esse conhecimento cada um de nós deve ter. Se a gente não tem o conhecimento da lei. Então, a minha postura sempre é essa” (Entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025).

Diante deste contexto de vida concreta, vemos como imprescindível que pessoas negras, principalmente Mulheres Negras, tenham conhecimentos das legislações que asseguram direitos de vida com dignidade e contra qualquer tipo de racismo, mas que são/estão presentes nessa sociedade historicamente marcada por desigualdades raciais.

É importante ressaltar que “foi por meio das lutas que hoje o racismo é prescrito como crime inafiançável e imprescritível, sujeito a pena de reclusão nos termos da lei, na Constituição de 1988. Um avanço em meio ao preconceito” (Silva; Nascimento, 2016, p. 180). Assim:

As mulheres negras a cada dia avançam um degrau para que essa igualdade saia dos papéis, que a diferença da cor não seja barreira para serem ou não aceitas em um determinado local. Muito já foi feito, muito já foi conquistado, portanto, o sonho é para um país mais justo desde que se faça valer a igualdade de direitos a todos (Silva; Nascimento, 2016, p. 180).

O racismo é inaceitável. Pessoas negras, pardas, brancas etc. nenhuma pode aceitar, que continuemos proliferando “a dor da chibatada” (entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025). “Então, o racismo é isso, é uma chicoteada no nosso corpo, e pode ficar em carne viva. [...] e se você não tiver o seu empoderamento, pode até te levar à morte, ao suicídio, como a gente já viu em vários casos. E é isso, é o racismo ele destrói, machuca, ele elimina e apaga” (Entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025). Sousa (1983, p. 2) em sua obra “Torna-se Negro”, enfatiza que [...] “A violência parece-nos pedra de toque, o núcleo central do problema abordado. Ser negro é ser violentado de forma constate, continua e cruel, sem pausa ou repouso”. Neste sentido, para além da violência pelo racismo, a entrevistada também evidencia formas de

resistência e de fortalecimento construídas a partir de boas memórias familiares e da ancestralidade construída dia a dia.

De minhas memórias e inspirações de mulheres negras, trago em mim, muito da minha avó, uma parteira de Cametá que veio pra Belém e teve que morar com a gente lá em casa. Ela tinha ensinamento para tudo, e se reunia com minha mãe, e elas costuravam colchas de fuxico, de retalhos [...] então toda tarde era assim conversa, contação de as histórias, tinham esse ritual que acontecia na frente de casa. Eram gerações e relações familiares com muito ensinamento, com bagagem ancestral mesmo, foram mulheres inspiradoras (Entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025).

Afirma Rosineide também, que as mulheres do movimento foram muito importantes na sua caminhada. Mulheres, com as quais aprendeu. “Foram mulheres pretas como livros de ensinamento, com suas próprias caminhadas de luta, suas vivências, seu dia a dia; foram mulheres de luta pensando o futuro e ao ensinamento de vida” (Entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025). São mulheres com mulheres que fortaleceram sua caminhada, como mulher preta que é. Diria as mulheres negras “se permitam conhecer, conhecer a nossa história, empoderar-se acima de tudo, fortalecer com as outras e a outras nessa caminhada, porque a gente não anda só, andamos em coletividade, a gente precisa segurar a mão da outra e com isso aparece o fortalecimento de cada uma de nós” (Entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025). Então, a coletividade negra e ancestral, dos nossos irmãos africanos são imprescindíveis, pois, uma mulher sozinha não consegue enfrentar essa sociedade racista. Ademais, Rosineide em suas narrativas nos trouxe “Dona Tereza⁴, tem uma fala assim: as mulheres são iguais as águas dos rios, quando se juntam, cresce”.

Mulher Negra é resistência, porque significa fortalecer todos os dias a caminhada antirracista.

E a mulher negra traz no seu corpo, no seu caminhar, todo um processo histórico em relação à ancestralidade. A mulher negra é carinhosa, sabe agregar as famílias, tem um olhar para os filhos muito diferenciado das outras mulheres. E esse fortalecimento familiar, de negra não solta a mão de outro negro/a, olha para todos/as. Às vezes esquece dela mesma pela família, pelos seus entes, por quem está próximo dela. Então, por isso que eu digo que a mulher negra é resistência (Entrevistada Rosineide Jorge, 48 anos, 2025).

Desse modo, as narrativas de memórias de Rosineide evidenciam que ser Mulher Negra, em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural e pelo sexismo, implica enfrentar múltiplas opressões, mas também construir caminhos de

⁴ Esta senhora de 79 anos é uma remanescente quilombola que integra o Movimento de Mulheres do Nordeste Paraense (MMNEPA).

resistências e afirmação. Onde a educação, a família, o movimento negro e a ancestralidade constituem pilares fundamentais nesse processo construção de identidade da Mulher Negra. Sua história nos mostra que o empoderamento não é um ponto de chegada individual, mas sim, um percurso coletivo de lutas, memórias e transformação social.

3.3 Precisamos Ser fortes

Me chamo Érica Oliveira da Veracruz, 26 anos, filha de Davi Lopes da Vera Cruz e Marinalda Nunes Oliveira. Somos quatro irmãs, sendo uma delas a autora deste trabalho, e outras duas adotivas. Fomos criadas na vila Família Unida, Irituia, Pará.

Sobre minha infância, posso dizer que foi boa, pois “nossos pais nos deram conforto posso dizer assim” (Entrevistada Erica Vera Cruz, 27 anos, 2025). Ganhávamos presentes, tivemos a presença dos avós maternos e da avó paterna, além do acesso à escola. O que meu pai e minha mãe, infelizmente, não tiveram. Minha infância foi um período bom. Porém, vale ressaltar que mesmo sendo irmãs, nascidas em períodos diferentes, Erica e Naiani, em alguns momentos, têm visões diferentes de suas vivências infantis.

A falta de acesso à educação para os negros ocorreu desde o período colonial brasileiro, e

Os escravos africanos trazidos para o Brasil pertencentes a etnias e culturas diferentes ao serem arrancados de suas raízes e leiloados em praça pública perderam seus referenciais simbólicos de pertencimento, propiciando as várias formas de inferiorização e exclusão dos afrobrasileiros. Esses foram impedidos de estudar no período da escravidão e com o passar dos anos a condição socioeconômica da população negra a impediu de ocupar os espaços na educação e como consequência os espaços de trabalho (Crisostomo; Reigota, 2010, p. 95).

Foi o caso dos pais de Erica, que não tiveram a oportunidade de estudar, e desejaram e auxiliaram fortemente os filhos, assim os pais negros entendem que por meio da educação, os filhos terão a oportunidade de quebrar o ciclo de desigualdade e pobreza que iniciou outrora e perpetua com toda forma de discriminação racial. Com isso, “a importância da educação como formas possíveis de mudanças sociais apontando para a relevância da pedagogia mudar de mãos. Nessas circunstâncias, pode emergir a formação de um discurso de resistência, na medida em que os indivíduos mudam de lugar” (Crisostomo & Reigota, 2010, p. 95). Assim, os negros/as,

livres da opressão, constroem capacidades, escrevem a própria história como sujeitas/os negras/os de direitos.

“A minha relação com a escola foi de esforço, pautava boas notas boas no intuito de seguir os estudos e conseguir um emprego, ou fazer faculdade pra dar uma vida melhor para meus pais” (Entrevistada Erica Vera Cruz, 27 anos, 2025). Para Crisostomo & Reigota, (2010), a inferiorização associada à cor da pele funciona como uma marca socialmente construída que historicamente delimita a identidade do negro e os espaços que lhe são permitidos, inclusive no âmbito da classe social. Assim, muitas famílias acumulam desigualdades estruturais e encontram grandes obstáculos para romper com suas condições de origem, sendo que, quando isso ocorre, é resultado de processos marcados por luta e resistência. Assim, a valorização da escolarização das filhas/os pode ser compreendida como uma estratégia adotada por essas famílias para enfrentar as discriminações raciais, de gênero e outras formas de preconceito.

Segundo Érica “A educação representa tudo, porque se não fosse educação, eu não teria me tornado a mulher que eu sou hoje. Tenho muito que agradecer a educação, aos meus pais que fizeram e muito esforço para eu estudar, embora tenha cursado somente até o Ensino Médio. Hoje, estou num serviço melhor, e se não, provavelmente eu estaria na roça, ou trabalhando na casa de família, ou num emprego braçal, que são serviços digno”. Vale ressaltar que durante um período de sua adolescência, Erica, assim como sua irmã também trabalhou em casa de família. Como vemos, foi extremamente importante os pais terem oportunizado a elas o acesso aos estudos, visto que, “a educação apresenta-se como a possibilidade de ascensão social” (Crisostomo & Reigota, 2010, p. 95).

Tudo isso, não eximiu de

“passar por preconceito no emprego. Como mulher e fazendo o mesmo trabalho que um homem, descobri que o homem mesmo sem ter experiência ganhava melhor do que eu. Isso foi um grande desafio, ter que aprender a lidar com preconceito na minha vida, por eu ser mulher negra” (Entrevistada Erica Vera Cruz, 27 anos, 2025).

Como vemos Erica mesmo com acesso à educação, não ficou de fora dos percalços do racismo, constatando que mulheres negras são constantemente diminuídas no trabalho, mesmo que os esforços dobrem em relação ao homem, não nos garante reconhecimento e respeito, devido ao modo operante estrutural, político e ideológico da sociedade. Assim:

As mulheres negras que conquistam melhores cargos no mercado de trabalho despendem uma força muito maior que outros setores da sociedade que algumas provavelmente pagam um preço alto pela conquista. Pois, além da necessidade de comprovar a competência profissional, têm de lidar com o preconceito e a discriminação racial que lhes exigem maiores esforços para a conquista de uma posição e respeito profissional. A questão de gênero é, em si, um complicador, mas, quando somada à da raça, significa as maiores dificuldades para os seus agentes (Crisostomo; Reigota, 2010, p. 97).

Para ela como mulher negra, nós sofremos um duplo racismo, um duplo preconceito. Porque passamos devido a cor e o gênero, e é um problema social que prejudica nossa vida, nossa dignidade, nossa oportunidade de crescer pessoal e como profissional. Porque uma mulher branca, ela não precisa se esforçar tanto para conseguir um bom emprego ou fazer uma faculdade e nós temos que ter esforço redobrado, mostrar nosso valor, senão não somos reconhecidas. Temos que ser fortes todos os dias para enfrentar o racismo.

“Ser uma mulher negra, se resume a ser forte. É acordar cedo e enfrentar a luta que o dia te proporciona, e infelizmente, vai lidar com o preconceito, a desigualdade, a inferioridade de outras mulheres, brancas. Todo dia, nós mulheres negras, temos que ser fortes e de luta” (Entrevistada Erica Vera Cruz, 27 anos, 2025). O poema a seguir dialoga diretamente com a narrativa da entrevistada, ao retratar a mulher negra como sinônimo de resistência, força e liberdade.

Mulher de raça, não há limite para ela,
Que descobriu sua essência e sua liberdade.
Negra dos cabelos crespos,
Que encanta aonde chega com sua experiência,
Mas é guerreira, por ser negra, já lhe faz ser mais forte,
Ser negra é guardar dentro do peito,
O grito da liberdade, sem rancor
(Silva, apud Videira, 2025, p. 105)

A força da Mulher Negra se revela como trajetória de vida atuante frente ao enfrentamento do racismo e luta em prol de dignidade. Erica manifesta assim, que esta força não é uma escolha, mas uma necessidade nesta sociedade racista, por isso se entrelaça com o poema da mulher negra apresentando-se com força e esperança, lutadora por existir com sua negritude e sem preconceitos.

Nesta seara, “minha inspiração são três mulheres da minha vida mesmo, são: minha mãe, uma tia e a irmã. Porque são guerreiras, esforçadas e desejaram o melhor pra mim. Nunca desanimou com a gente pra nada” (Entrevistada Erica Vera Cruz, 27 anos, 2025).

Diz essa mulher negra que sua tia é mãe negra e solteira, algo comum na nossa sociedade, ainda assim visto com preconceito. Ela inspira ser forte. Ela é linda, com

cabelo cacheado, traços lindos. Inspirava-se na sua beleza e fortaleza. A irmã, foi a primeira mulher negra da família a fazer uma faculdade, algo inspirador. Ter mais conhecimento, e buscar algo sempre melhor para minha vida e família.

A redescoberta da História, da beleza e luta da mulher negra; de construção identitária e da consciência do eu, emanando de um mundo de extrema discriminação racial, onde ao negro nada é reconhecido, e à mulher negra tudo é negado. É neste mundo onde, afinal, a mulher negra sobreviveu, acabando por se impor como peça fundamental e fonte de inspiração, não só para a sua própria emancipação, mas igualmente das mulheres negras do mundo inteiro e por uma democracia racial real e justa (Videira, 2025, p. 29)

Ser mulher negra é resgatar sua história todo dia, com amor, autocuidado, confiança em você e vê sua inteligência. Então, o outro não vai diminuir você, e você se conhece e se reconhece na negritude.

A análise das narrativas permite compreender que ser Mulher Negra, na perspectiva de Erica, significa viver em constante processo de reafirmação de si. Trata-se de resgatar diariamente a própria história, reconhecer a própria inteligência e fortalecer a autoestima como mecanismo de enfrentamento ao racismo estrutural. A educação, a família e as referências femininas constituem pilares fundamentais dessa construção.

Deste modo, a partir das narrativas das três Mulheres Negras, foi perceptível que o racismo, a desigualdade de gênero e o preconceito transversalizam suas vidas desde a infância até os dias atuais, e que mesmo nascendo em períodos, vivendo em contextos diversos e com distintas memórias, fica notório as marcas deixadas por essa junção de racismo, lutas, resiliências, lágrimas, aprendizados. Que a educação, o trabalho e o movimento negro são/foram pilares para o reconhecimento e do modo diferente para cada uma. Todas elas, hoje, sabem o valor de si, sabem o que é viver nesta sociedade como mulher negra, sabem que está sociedade ainda não reconhece radicalmente mulheres negras, embora, também, não podemos deixar de mencionar as frente de atuação e políticas públicas em vigor.

Nos dias atuais, as lutas enfrentadas por estas três mulheres negras ainda são as mesmas de décadas passadas, o que nos faz compreender que, o racismo contra mulheres negras mudou pouco, cujas marcas começam na infância. Assim, é urgente e rigoroso a atenção que precisa ao enfrentamento do racismo com mulheres negras.

Aprender a ser negra precisa ser fortalecido de modo intersetorial e interseccional, em que vivências, informações e o próprio movimento negro seja acionado, a favor de todos os negros e, em especial, das mulheres negras. O que nos

mostra a importância da existência da representatividade negra nas vivências da mulher negra para mulheres, negras ou não, nas suas tessituras de identidades, lutas, e contra qualquer tipo de racismo ou desigualdade de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo visa compreender de que forma se deram as resistências e desafios vivenciados por Mulheres Negras no processo educativo e estão presentes em suas memórias de vida e escolar. Assim, trouxe como construção analítica o processo identitário e educacional de mulheres negras, com base em suas memórias de vida e de vida escolar. *A priori* evidenciamos que foram processos transversalizados por racismos, desigualdades de gênero e social, reveladores de desafios e aprendizados por tais Mulheres Negras. Deste modo, compreendemos que ainda nos dias atuais estas e outras Mulheres Negras vivem situações e os impactos do racismo estrutural. Sendo assim, segundo Moreira (2023, p. 41) [...] “esse racismo estrutural continua, mesmo que inconscientemente enraizado nos discursos e modos da sociedade ver a Mulher Negra.”

As narrativas das mulheres negras, considerando as memórias das pessoas Naiani, Erica e Rosineide, nos aspectos educativos e raciais, nos revelam que mesmo que estes processos tenham ocorrido em períodos diferentes, suas histórias e trajetórias escolar denunciam que mesmo sendo fundamental para formação humana e profissional, a escola como ainda é hoje, é lugar onde Mulheres Negras sofrem racismo de diversas formas, mas principalmente relacionados a sua estética. Nesse sentido, concordamos com a afirmação de Gomes (2002, p. 49) “Esse é mais um dos motivos pelos quais consideramos que a escola deve superar os preconceitos em relação à estética negra”.

Compreendemos e reafirmamos ainda, a importância da representatividade negra na construção das identidades de Mulheres Negras, pois com base no estudo vimos que a informação e consciência de todo esse processo desigual da sociedade brasileira como um todo está associado a construção dessas identidades, visto que a identidade destas mulheres, assim como as demais identidades se constroem de forma individual e coletiva. Então, para que uma mulher negra teça a sua identidade de forma potente, antirracista, com consciência ancestral e exercendo seus protagonismos negros, e necessário este viver coletivo negro.

Como encerrada e não concluída, com esta reflexão e aprofundamento podemos dizer em termos de uma pedagoga/pedagogia que estudar a Mulher Negra se faz necessário e ação política na educação de qualquer mulher e na educação. No caso da autora deste trabalho, foi enfrentar e aprender a lidar com sua negritude, e a

partir de tudo que foi observado e vivenciado nesta pesquisa, fica claro um posicionamento de cunho antirracista como educação aos tempos de hoje ainda mais se pela ação docente de uma mulher. Esta, a autora, tão instigada pelo racismo e preconceito na trajetória escolar e de vida, passa então a tomar a pedagogia também como uma bandeira de luta, dentre as tantas lutas das minorias, sendo a luta escolhida é a da Mulher Negra, que dentro da perspectiva pedagógica, escolhe/acolhe a perceptiva antirracista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Jandaia. Coleção Feminismo Plurais, 2020.

COSTA, Juliana dos Santos. **Da menina negra à mulher preta: educação e identidade**. Dissertação (mestrado em Ensino e Processos Formativos). Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2021.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. São Paulo, Cortez, 2000.

CRISOSTOMO, Maria Aparecida dos Santos; REIGOTA, Marcos Antônio dos Santos. **Professoras universitárias negras: trajetórias e narrativas**. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior, Campinas; Sorocaba, SP, v. 15, n. 2, p. 93–106, jul. 2010. DOI: 10.1590/S1414-40772010000200005. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/avaliacao/article/view/860> Acesso em: 30 jan. 2026.

CRUZ, Mariléia dos Santos. Erudição e racismo na trajetória ascendente de uma família negra do Maranhão. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 22, 2022.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.21, p.40-51, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil, uma breve discussão**. Açãoeducativa.org.br, 2012.

GOMES, Nilma Lino. **Sem Perder a Raiz: Corpo e Cabelo como Símbolos da Identidade Negra**. Minas Gerais: Autêntica, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 1.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

JORGE, Rosineide Francisca Lima. Entrevista concedida a Naiani Oliveira. Irituia-PA, 2025. 1:00h, entrevista não publicada.

LAVILLE, Christian; DIONNE Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre, Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMQ, 1999.

LEAL, Maristela Pereira. **As Inter-Relações entre Discriminação Racial, de Gênero e Exclusão Social na Trajetória de Mulheres Negras da EJA**. UniCEUB. Brasília-DF, dezembro de 2017.

MOREIRA, Janaina Estela Faria Chabes. **Construção da Identidade da Mulher Negra: Um Estudo Semiótico**. 2023. Dissertação apresentada ao programa de Pós-

Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie para obtenção do título de mestre em Letras. São Paulo, 2023.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Sankofa: **educação e identidade afrodescendente: In: CAVALLEIRO, Eliane. (org.). Racismo e anti-racismo na educação.** São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 115-140

OLIVEIRA, Luciana Ribeiro de; GOMES, Ana Cristina da Costa. **Mulher Negra E Educação: A Colonialidade Destrói, Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros Reconstroem.** Cadernos de Estudos Sociais e Políticos, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 2019.

REIS, Maria da Conceição dos; ALVES, Ellis Cristine Oliveira; SILVA, Auxiliadora Maria Martins da. **O PROCESSO EDUCATIVO DO MOVIMENTO SOCIAL ENCRESPA GERAL PARA AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA.** GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais – Trabalho 789. 38ª Reunião Nacional da ANPEd – 01 a 05 de outubro de 2017 – UFMA – São Luís/MA

SANTOS, Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos. A presença da mulher negra na universidade pública brasileira: de quem estamos falando? **Áskesis**, v. 12, nº. 01, p. 213-231, Janeiro-Junho, 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVA, Beatriz Gonçalves da; NASCIMENTO, Maria Beatriz Souza. **A mulher negra e a afirmação de sua identidade: uma análise sócio-histórica.** Revista Includere, Mossoró, v. 2, n. 2, p. 183- 185, Ed. 1, 2016.

VERA CRUZ, Erica Oliveira. Entrevista concedida a Naiani Oliveira. Irituia-PA, 2025. 1:00h, entrevista não publicada.


VIDEIRA, Piedade Lino, **Mulheres Negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos.** Volume 2. Macapá- AP. UNIFAP, 2025.

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Fale sobre você, onde nasceu, sua família e sua infância?
2. O que é ser mulher negra? Em que momento se percebeu diferente como mulher negra e como foi? Como foi se vê mulher negra?
3. Fale sobre sua vida escolar? (tempo, como foi, fatos marcantes, relações, desafios enfrentados o que guarda da escola)
4. O que a educação representa para você?
5. Como a escola lidava com o negro?
6. Como mulher negra, na escola e na vida, quais seus maiores desafios? (momentos marcantes)
7. Em algum momento da sua vida, escolar ou pessoal, você vivenciou situações de preconceito racial, de gênero ou de classe? Como reagiu? Etc.
8. Qual sua opinião sobre o racismo com mulheres negras?
9. Quais suas memórias e inspirações sobre mulheres negras e porquê?
10. Que você diria para outras mulheres negras?

TERMO DE CONSENTIMENTO


 SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FACED

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Rosineide Francisca Lima Jorge estou sendo convidado(a) a participar da pesquisa nacional **PROCESSOS EDUCATIVOS DE MULHERES NEGRAS: memória, vida e escola**, que tem como objetivo compreender de que forma as resistências e conquistas vivenciadas por mulheres negras no processo educativo estão presentes em suas memórias de vida e escolares. Tem ainda como objetivo conhecer o processo educativo de mulheres negras considerando suas memórias de vida e a escolar, na perspectiva de valorizar memórias pessoais e coletivas; identificar resistências e conquistas de mulheres negras no âmbito de suas trajetórias de vida e a escolar; analisar de que forma o racismo, a desigualdade de gênero e social atravessaram suas memórias de vida e a escolar.

Sei que, como a mim, outras mulheres participarão da pesquisa. Fui informado(a) também de que tenho a liberdade de desistir ou de interromper minha colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de explicar porque e que, nesse caso, a desistência não causará nenhum prejuízo a mim.

Fiquei sabendo ainda que os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados em texto em formato de artigo, me identificando como participante da pesquisa.

Fui esclarecido(a) de que a entrevista poderá ser gravada para facilitar o registro das informações e que apenas os pesquisadores desta pesquisa terão acesso à gravação. Também sei que a pesquisa fará o registro de imagens fotográficas. Fui informado(a) de que a gravação de minha entrevista e as anotações sobre ela ficarão, como todo material produzido na pesquisa, sob a responsabilidade da pesquisadora da pesquisa e serão utilizadas apenas nesta pesquisa e em apresentação de trabalhos de cunho científico nacional ou internacional.

Sei que minha participação é livre, voluntária e espontânea.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Fui informado(a) de que, a qualquer momento, posso ter esclarecidas as dúvidas que surgirem. Concordo em participar da pesquisa.

Rosineide Francisca Lima Jorge, de novembro de 2025
 Assinatura do Participante

 Assinatura da Pesquisadora


SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FACED

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Carina Oliveira da Vora Cruz, estou sendo convidado(a) a participar da pesquisa nacional **PROCESSOS EDUCATIVOS DE MULHERES NEGRAS: memória, vida e escola**, que tem como objetivo compreender de que forma as resistências e conquistas vivenciadas por mulheres negras no processo educativo estão presentes em suas memórias de vida e escolares. Tem ainda como objetivo conhecer o processo educativo de mulheres negras considerando suas memórias de vida e a escolar, na perspectiva de valorizar memórias pessoais e coletivas; identificar resistências e conquistas de mulheres negras no âmbito de suas trajetórias de vida e a escolar; analisar de que forma o racismo, a desigualdade de gênero e social atravessaram suas memórias de vida e a escolar.

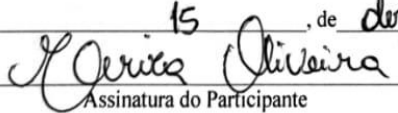
Sei que, como a mim, outras mulheres participarão da pesquisa. Fui informado(a) também de que tenho a liberdade de desistir ou de interromper minha colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de explicar porque e que, nesse caso, a desistência não causará nenhum prejuízo a mim.

Fiquei sabendo ainda que os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados em texto em formato de artigo, me identificando como participante da pesquisa.

Fui esclarecido(a) de que a entrevista poderá ser gravada para facilitar o registro das informações e que apenas os pesquisadores desta pesquisa terão acesso à gravação. Também sei que a pesquisa fará o registro de imagens fotográficas. Fui informado(a) de que a gravação de minha entrevista e as anotações sobre ela ficarão, como todo material produzido na pesquisa, sob a responsabilidade da pesquisadora da pesquisa e serão utilizadas apenas nesta pesquisa e em apresentação de trabalhos de cunho científico nacional ou internacional.

Sei que minha participação é livre, voluntária e espontânea.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Fui informado(a) de que, a qualquer momento, posso ter esclarecidas as dúvidas que surgirem. Concordo em participar da pesquisa.

_____ 15 de dezembro de 2025

 Assinatura do Participante

 Assinatura da Pesquisadora



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
PESQUISADORA: NAIANI OLIVEIRA DA VERA CRUZ

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **PROCESSOS EDUCATIVOS DE MULHERES NEGRAS: memória, vida e escola**. Este Termo contém as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós.

Eu, Naiani Oliveira da Vera Cruz, profissão Auxiliar administrativo, portador da Cédula de Identidade, RG [redacted] e inscrito no CPF/MF [redacted], em retorno à mensagem de participação na pesquisa

PROCESSOS EDUCATIVOS DE MULHERES NEGRAS: memória, vida e escola, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) nesse estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) O objetivo da pesquisa é compreender de que forma as resistências e conquistas vivenciadas por mulheres negras no processo educativo estão presentes em suas memórias de vida e de vida escolar.
- II) As informações requeridas na pesquisa referem-se em conhecer o processo educativo de mulheres negras considerando suas memórias de vida e a escolar, na perspectiva de valorizar memórias pessoais e coletivas, identificar resistências e conquistas de mulheres negras no âmbito de suas trajetórias de vida e a escolar e analisar de que forma o racismo, a desigualdade de gênero e social atravessaram suas memórias de vida e a escolar.
- III) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação.
- IV) A desistência não causará nenhum prejuízo a mim ou a pesquisa.
- V) Os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados de forma a não identificar o nome das envolvidas, uma vez que serão divulgados de forma agregada.

15, de dezembro de 2025.

Naiani Oliveira

Nome e assinatura

Assinatura da Pesquisadora